

**Monteiro, Natividade (2011), *Memórias de Maria Veleda. Feminista republicana, escritora e conferencista. Introdução e notas de Natividade Monteiro, Leiria, Imagens e Letras, 166 páginas.***

Teresa Pinto

CEMRI – Universidade Aberta, Portugal

Pela mão da historiadora Natividade Monteiro, as *Memórias* de Maria Veleda, iniciadas em 1943 e publicadas em 1950 no jornal *República*, ganham justamente estatuto de obra editada, homenageando uma figura ímpar do feminismo e do republicanismo em Portugal. O alcance destas *Memórias* alarga-se, nas palavras de apresentação de Maria José Guerreiro da Franca e Silva Miranda, bisneta de Maria Veleda, pelo facto de darem, não só «testemunho, em tempo de ditadura, de um passado recente [o da 1.<sup>a</sup> República], [mas também por transmitirem] a mensagem de que a intervenção e a defesa de ideais são sempre possíveis...» (p. 3). Acresce que estas foram as únicas memórias publicadas no conjunto de mulheres do movimento feminista e republicano português de inícios do século XX. A obra é enriquecida com algumas fotografias originais de Maria Veleda que, no entanto, mereciam melhor qualidade de reprodução e em alguns casos de um tratamento gráfico mais cuidado, numa editora que dá por nome «Imagens e Letras».

Natividade Monteiro, tendo encetado a sua investigação sobre Maria Velda há mais de dez anos, no âmbito de uma dissertação de mestrado – *Maria Veleda (1871-1955), uma professora feminista, republicana e livre-pensadora*, (2004) – continuou a reconstruir o percurso de Maria Veleda e a trabalhar na preservação do espólio familiar daquela «cidadã insubmissa de percurso invulgar que muito batalhou pela República» (p. 5), como regista João Esteves no Prefácio desta obra.

Na introdução às *Memórias* de Maria Veleda, Natividade Monteiro não se limita a contextualizar os textos publicados e a apresentar-nos a autora, função em si mesma suficientemente meritória. O acesso aos manuscritos permitiu a comparação com os textos publicados no jornal *República* entre 26 de fevereiro e 11 de abril de 1950 e a identificação, não só dos cortes feitos pela censura, como os próprios «acertos de linguagem numa atitude de autocensura, própria de quem escrevia e publicava coartado por um regime ditatorial que tudo vigiava, censurava e reprimia» (p. 9). Relembramos que Maria Veleda, professora, republicana, maçónica e livre-pensadora, foi uma lutadora incansável pela liberdade e pela igualdade, pautando por esses ideais, com uma coerência inquestionável, a sua própria vida pessoal.

Sublinhando o contributo das memórias individuais na produção historiográfica, em particular nos estudos sobre as mulheres, para uma reinterpretação do passado em função «da experiência social de mulheres e homens na teia das múltiplas relações estabelecidas nas esferas da vida pública e privada» (p. 17),

Natividade Monteiro adentra-nos, em seguida, no percurso feminista e republicano de Maria Carolina Frederico Crispin, nascida em Faro (1871). Foi precisamente no jornal *O Distrito de Faro* que se estreou como colaboradora, assinando os seus textos com o pseudónimo de Maria Veleda (entre outros), o qual se converteria no nome usado na atividade profissional e política e na vida familiar.

Servindo de antecâmara às *Memórias* de Maria Veleda, Natividade Monteiro reuniu onze testemunhos sobre a feminista, publicados entre 1902 e 1955, em diversos periódicos, como *A Crónica* (1902), *Sociedade Futura* (1904), *O País* (1908), *A República* (1909), *A Semeadora* (1917), *Diário de Lisboa* (1948) e *República* (1951, 1952, 1955).

A publicação no jornal *República* das *Memórias*, divididas em vinte e dois trechos, iniciou-se num domingo, dia 26 de fevereiro de 1950, data do septuagésimo nono aniversário da autora, e prolongou-se por pouco mais de um mês. O jornal *República* anunciava a obra, em 24 de fevereiro, sublinhando que nela se reuniam «capítulos sensacionais da história do regime» e «um repositório de enternecidas recordações – a história da vida de uma mulher, abnegada, heroica e gentil, que fica como exemplo das mais nobres virtudes, de amor pelo ideal, em defesa das causas justas e das supremas aspirações dos humildes» (p. 62).

Cabe-nos, agora, percorrer as cerca de noventa páginas de memórias e usufruir da sua leitura.